

INSTITUTO JUCA DE CULTURA: UMA CASINHA E SEU VOO

Alisson Antonio Amador¹

RESUMO

Este artigo apresenta a história e as principais atividades relacionadas ao Instituto Juca de Cultura. Para isso foi necessário resgatar a biografia do poeta Juca da Angélica, assim como a biografia do idealizador desse espaço, o poeta Paulo Nunes. Discorreremos sobre as principais atividades do espaço que são: as apresentações (shows); os Sarau-lins e os Sarau-lões. Através do olhar etnográfico do autor deste trabalho e suas discussões com Paulo Nunes, foi possível apresentar pensamentos e atitudes que são consideradas por eles como primordiais para a manutenção desse espaço.

Palavras-chave: Instituto Juca de Cultura. Centros Culturais. Saraus. Espaços Culturais Alternativos.

ABSTRACT

This article presents the history and main activities related to the Juca de Cultura Institute. For this, it was necessary to rescue the biography of the poet Juca da Angélica, as well as the biography of the creator of this space, the poet Paulo Nunes. We talk about the main activities of the space, which are: the shows; the Sarau-lins and the Sarau-lões. Through the ethnographic view of the author of this work and his discussions with Paulo Nunes, it was possible to present thoughts and attitudes that are considered by them as essential for the maintenance of this space.

Keywords: Instituto Juca de Cultura. Cultural Centers. Musicales. Alternative Cultural Spaces.

INTRODUÇÃO

Antes de falar do IJC, gostaria de fazer algumas observações. Faço parte da academia há catorze anos e tenho trabalhado e refletido muito sobre o tipo de linguagem usada em textos acadêmicos. Nasci em Campinas e logo vim morar em uma das maiores favelas do Brasil, Heliópolis,

¹ Músico, multi-instrumentista, professor, compositor, arranjador, produtor musical e cultural. Doutorando em música pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Alisson é codiretor do Instituto Juca de Cultura. E-mail: alissonesilencio@gmail.com.

na cidade de São Paulo. Ou seja, cresci em meio ao famoso povão e por isso cuido para que meus textos fiquem acessíveis — sob o ponto de vista linguístico — para as pessoas com quem tenho um convívio diário.

Através dessas reflexões sobre a linguagem textual, consigo agora defender uma liberdade linguística e usar expressões populares ou palavras como a que acabei de usar acima (povão), com o intuito de aproximar a linguagem falada da linguagem escrita. Tenho consciência de que são linguagens diferentes e de que existem linguagens para diversas ocasiões, mas ao mesmo tempo tenho observado e recebido relatos de que este tipo de abordagem deixa a leitura mais fluida e mais confortável para quem lê.

Outro ponto é que escrevi o texto usando a primeira pessoa do plural (nós). Paulo Nunes (idealizador do IJC) é um amigo próximo com quem divido opiniões, críticas sociais e artísticas, reflexões etc., e este texto foi construído em parte com as suas observações, então nada melhor do que o pronome “nós” para referir a esta construção; além disso, ele também traz o que consideramos como ponto crucial para a gestão desse espaço, que é o trabalho coletivo. Mostraremos isso ao longo deste artigo.

Ressalto também o meu intuito de trabalhar com uma linguagem menos exclusiva. Sei que o texto desenvolvido aqui está inserido em um contexto mais acadêmico, onde as mudanças na escrita são mais lentas, quando comparadas à internet, mas ainda assim achei importante trabalhar com uma escrita um pouco mais inclusiva. Por isso, não estranhem algumas generalizações no gênero feminino, por exemplo. Tenho consciência de que a escrita usada aqui está longe do ideal esperado pelas pessoas que se sentem excluídas, mas deixo claro que ela foi trabalhada com atenção e carinho.

Por último, gostaria de registrar que este é o primeiro artigo escrito sobre o Instituto Juca de Cultura. Aprendemos com esse espaço de cultura o quanto as mídias podem servir de instrumento para a expansão de um espaço físico. Vivemos isso na pele, pois o Instituto Juca é bem pequeno fisicamente, mas o seu coração é bem maior que o físico, e por isso trabalhamos também com o conceito de espaço virtual. Neste mundo onde temos diversas atividades virtuais, pensar no espaço virtual se tornou algo crucial, e falaremos disso mais adiante. O que queremos mostrar com essas observações é que estamos valorizando e dando a devida atenção para este espaço da escrita. A escrita, sem dúvida, foi uma das maiores invenções tecnológicas do ser humano, e poder usufruir dela para contar sobre o nosso centro cultural é maravilhoso. Acreditamos que este espaço da escrita também contribuirá para a expansão do Instituto Juca, ao mesmo tempo em que também contribuirá para reflexões sobre a cultura, sobre os espaços culturais alternativos e sobre a arte de modo geral.

Começamos o artigo respondendo de forma direta o que é o Instituto Juca de Cultura. A seguir, apresentamos as biografias de Juca da Angélica e Paulo Nunes e contamos sobre a criação desse espaço de cultura. Discorreremos então sobre as principais atividades do espaço: as **apresentações** (shows); os **Sarau-lins** e os **Sarau-lões**. Falamos também, brevemente, sobre outras atividades que realizamos no nosso espaço e apresentamos pensamentos e atitudes que acreditamos serem de extrema importância para a sustentação do Instituto Juca. Encerramos o artigo com um texto elaborado pelo poeta Paulo Nunes, intitulado “Uma Casinha”, que resume de forma poética o que é a história desse centro cultural.

O QUE É O INSTITUTO JUCA DE CULTURA?

A poesia se manifesta de muitas formas na nossa cultura, e podemos dizer que o Instituto Juca de Cultura é uma manifestação da poesia em si. Acreditamos que o melhor jeito de “entender” a arte não é através de sua descrição, e sim através dela própria, ou seja, através do contato direto com ela, vivenciando-a.

Mesmo com tais afirmações, não podemos deixar de fazer a tarefa que nós mesmos nos encarregamos de executar, que é apresentar esse centro cultural através da escrita e algumas imagens e refletir sobre questões relacionadas à cultura, à arte, à sociedade e à coletividade.

Começamos este trabalho de forma bem direta, respondendo à pergunta do título deste capítulo: o que é o Instituto Juca de Cultura?

Também conhecido como IJC, o Instituto Juca de Cultura é um espaço cultural que está localizado em São Paulo – SP, na Rua Cristiano Viana nº 1.142, próximo à estação de metrô Sumaré (linha verde).

O IJC é um centro cultural alternativo que promove saraus, apresentações musicais, festas populares, culinária, reuniões, oficinas, peças teatrais, entre outras atividades, onde passam artistas de todo o mundo.

O Instituto Juca também é a residência do poeta Paulo Nunes, que é o idealizador do projeto. Paulo trabalha como livreiro, e na garagem de sua casa estão os livros da Desemboque Livros, um pequeno sebo que começou como banca de livros na Universidade de São Paulo, em 2006.

Observamos que as coisas se misturam nesta casa que é um espaço cultural, uma residência particular e uma livraria, mas ao longo deste artigo veremos também que o Instituto Juca não se delimita apenas pelo seu espaço físico. O IJC procura se expandir através do espaço virtual

fornecido pela internet e pelas redes sociais; além disso, as parcerias com outras instituições e projetos culturais também contribuem para a sua expansão física/presencial e, igualmente, virtual.

Com relação ao espaço físico, trata-se de um sobrado tradicional próximo ao metrô Sumaré (600 metros), com cinco cômodos, dois banheiros, uma varanda na frente, um quintal bem pequeno e uma garagem. Seguem algumas fotos:

Figura 1: entrada do IJC.



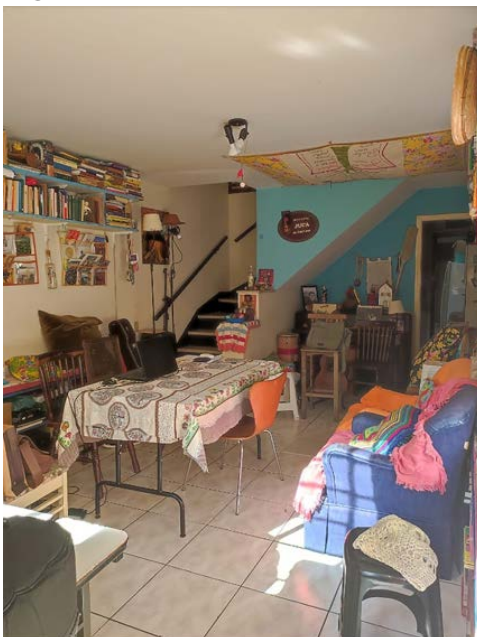
Fonte: arquivo do autor.

Figura 2: varanda do IJC.



Fonte: arquivo do autor.

Figura 3: sala do IJC.



Fonte: arquivo do autor.

Figura 4: cozinha do IJC.



Fonte: arquivo do autor.

Figura 5: quintal do IJC.



Fonte: arquivo do autor.

No IJC realizamos apresentações de musicistas de várias partes do Brasil e mesmo de outros países. Depois de cada apresentação, realizamos um sarau com duração de três a quatro horas, que é chamado carinhosamente de **Sarau-lim**. Também realizamos um sarau bimestral, que pode durar até mais de catorze horas, que chamamos de **Sarau-lão**.

Artistas de diversas áreas frequentam o Instituto Juca de Cultura. Pessoas ligadas à poesia, ao teatro, às artes visuais, à dança, às artes plásticas, à literatura, assim como de outras áreas não necessariamente ligadas às artes. Estamos fazendo um levantamento de quantos artistas passaram pelo nosso espaço, e a lista está com mais de 270 nomes. Pessoas de praticamente todos os estados brasileiros já passaram pelo IJC. Artistas de vários países da América Latina, como Argentina, Peru, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Uruguai e Venezuela também já vieram em algumas de nossas atividades. Também tivemos artistas de outros países, como República do Congo, México, Portugal, França, China, Espanha, Áustria, Cuba, Inglaterra e EUA, que já marcaram presença no IJC. Apesar de termos uma grande variedade de artistas que frequentam nosso espaço, podemos afirmar que a sua grande maioria é de musicistas.

Realizamos outras atividades, como aulas de música, festas populares, ensaios de grupos ligados ao coletivo, reuniões para discussão de

projetos, almoços e jantares para criar conexão entre artistas diversos e encontros para leituras de poesia. Paulo Nunes, idealizador do IJC, conta que “este espaço, que aos poucos foi se tornando coletivo, tem um quê de anárquico e utópico, onde cada um dá sua contribuição através da doação de suas ideias, sua arte, seu trabalho, sua presença, seu sonho”².

JUCA DA ANGÉLICA E PAULO NUNES: O ENCONTRO DA POESIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Para falar sobre o IJC, precisamos trazer aqui um pouco da história de dois poetas mineiros, Juca da Angélica e Paulo Nunes.

JUCA DA ANGÉLICA

José Joaquim de Sousa nasceu no dia 7 de junho de 1918. Era chamado de Juca da Angélica, por conta do seu segundo nome, herdado do seu pai, Joaquim Egídio da Rosa (Juca é apelido para Joaquim), associado ao nome de sua mãe, Angélica Carolina de Sousa (PAULA, 2018).

Juca cresceu em uma fazenda em Lagoa Formosa (MG), numa época em que esse município ainda era um distrito de Patos de Minas. Juca da Angélica “passou a infância na roça e só foi alfabetizado aos 14 anos de idade” (ROCHA, 2014, n. p.). O poeta trabalhou como candeeiro (guia de carro de boi) e carreiro. Com este segundo ofício, ficou muito conhecido na região (PAULA, 2018). Além disso, o poeta mineiro trabalhava na roça e fazia queijos.

Esse cenário roceiro com animais, carros de boi, paisagens e belezas do campo, somado às histórias que cruzaram e fizeram parte da vida de Juca, serviram de material para inspirar o poeta a criar centenas de poemas com uma linguagem típica de sua região.

Juca da Angélica foi alfabetizado somente aos 14 anos e frequentou a escola apenas por três meses. Era dono de uma memória e uma lucidez extraordinárias e “guardava grande maioria de seus poemas na cabeça” (AMÂNCIO, 2016, n. p.). Apesar de ser considerado um “gênio dentro da sua realidade” (ibidem), Juca só começou a ser conhecido depois de 2000, quando a artista plástica Marialda Coury apresentou o trabalho do poeta em uma exposição em Patos de Minas (ROCHA, 2014). Em 2001, foi lançado o documentário *Juca da Angélica: meu canto é saudade* (JUCA, 2001), em que podemos ver o poeta contando um pouco de sua vida e recitando alguns de seus poemas.

2 Trecho de texto inédito do poeta e fundador do IJC Paulo Nunes para o site oficial do Instituto, em construção.

O trabalho de maior importância relacionado ao poeta foi a publicação do livro *Meu canto é saudade* (ANGÉLICA, 2001). Esse livro reúne poesias de Juca e foi realizado por Paulo Nunes e Marialda Coury. Paulo, que foi o editor, “comparou a importância da obra de Juca da Angélica à de Patativa do Assaré” (ROCHA, 2014). O livro foi publicado em 2001, numa edição independente, e foi um grande marco na vida de Juca da Angélica, que conseguiu participar de seu lançamento e distribuir seus autógrafos.

Figura 6: Juca autografando seu livro.



Foto: Saulo Alves.

Figura 7: Juca autografando seu livro.



Foto: Saulo Alves.

É importante também destacarmos aqui o depoimento de Paulo Nunes com relação a esse grande poeta:

É absurdo, pois, que esse homem e esse poeta não tenha, até agora, elevado a sua voz além dos estreitos limites do horizonte em que nasceu. E é esta falha, só explicada pela crueldade do preconceito que, sempre obedecendo ao imperativo econômico, torna invisíveis e mudos alguns dos nossos mais belos e altissonantes cidadãos, que a publicação de parte de sua poesia ora vem corrigir. Por isso, temos razão de querer deixar aqui registrado, em alto e bom som, o que há pouco era apenas um tímido e melodioso sussurro, mas que ao longo da organização desse livro foi crescendo, até tornar-se um grito, uma verdade impossível de não se ouvir e fazer com que todos também ouçam, tendo-se certeza de que o exagero não é nosso e sim do poeta, que nos obriga ao elogio: o Sr. Juca da Angélica é um monumento da literatura e da Cultura Popular Brasileira. Viva, pois, a Púisia – ouçamos agora, embora impressa, a sua voz. (ANGÉLICA, 2001, texto de orelha)

No trabalho de Andréa Cristina de Paula (2018), já citado anteriormente, há inúmeras reflexões interessantes sobre a obra de Juca e a tradição oral. Reflexões que não cabem neste artigo, mas que fazem parte das ideias estruturais do IJC e que podem ser percebidas na leitura dessa tese.

A publicação do livro do Juca fez com que outros trabalhos pudessem florescer. Através da parceria entre Paulo Nunes, Maria Fernanda Oliveira, Saulo Alves, Victor Mendes e Danilo Gonzaga Moura, foi lançado em 2014 o álbum *Púisia*. O trabalho é formado por canções criadas a partir das poesias de Juca da Angélica e foi gravado pelo Trio José, formado paradoxalmente, não por três, mas por dois músicos já citados anteriormente, Danilo Moura e Victor Mendes, ambos da cidade de São José dos Campos (SP). Para mais informações sobre esse projeto, recomendamos, é claro, a escuta do próprio disco, o programa *Som e Prosa – Trio José* (2015) da TV Unesp, e o programa *Nosso Som no Parque – Trio José*, da TV Câmara de Jacareí (2015).

Em 2012, os músicos do Trio José visitaram a fazenda do Juca durante o processo de criação do álbum, e essa visita rendeu a criação de um pequeno documentário produzido por Diógenes S. Miranda. O curta-metragem se chama *Meu canto é saudade: A poesia de Seu Juca da Angélica* (2015). Nesse trabalho é possível ver os músicos tocando e cantando algumas músicas do álbum *Púisia* e o poeta Juca conversando e declamando alguns de seus poemas.

Desde o lançamento de seu livro, Juca foi ganhando cada vez mais reconhecimento pelo seu trabalho. Em 2016, foi criado o Prêmio Literário Juca da Angélica, que faz parte de uma iniciativa do Balaio de Arte e Cultura de Patos de Minas (PAULA, 2018). Uma peça de teatro chamada *Juca*, inspirada na obra poética de Juca da Angélica, foi estreada em 2016 no Teatro Porta 84, em Uberlândia (MG). A peça foi escrita por Tiago Pimentel e dirigida por Luiz Humberto Arantes, e no ano de 2018 foram realizadas apresentações em Lagoa Formosa, cidade natal do poeta.

Depois de apresentarmos estes dados sobre o Juca da Angélica, podemos agora mostrar um pouco de quem é o grande fã do Juca e o fundador do Instituto Juca de Cultura, o poeta Paulo Nunes.

PAULO NUNES

Paulo Cesar Nunes nasceu em Patos de Minas (MG), em 1965. Foi nessa cidade que o poeta viveu grande parte de sua vida. Saiu pela primeira vez de Patos em 1990, retornando três anos depois, e em 2003 mudou-se definitivamente para a capital de São Paulo. Sobre sua cidade natal, o poeta diz o seguinte:

Penso que Patos, com seu tempo e sua praça central espichados, me deu a poesia, pois esta é, mais do que nunca, coisa de provincianos como eu. Afinal, num lugar onde a onda capitalista demora mais a chegar, o ser tem mais tempo pra se tecer e se desfiar. Hoje, afastado no tempo e no espaço, mas não no sentimento, percebo que a cidade, isto é, a minha gente, me transmitiu sua forma de ver o mundo encantando-o. Pois se aquele era um mundo com fortes resquícios do feudalismo, com uma estrutura agrária e patriarcal, machista, fechado e pouco afeito a mudanças, oferecia, como contraponto, sua natureza tão rica e que quase já não existe mais, sua vocação para o jogo, a festa, a solidariedade, sua língua maravilhosa, também radicalmente poética e lúdica, e que tentei de alguma forma registrar na transcrição que fiz da poesia oral do Juca da Angélica, do qual, em 2001, organizei a antologia *Meu canto é saudade*, hoje infelizmente esgotado. Enfim, Patos de Minas, para mim, há muito deixou de ser apenas uma localidade registrada no mapa do país para se tornar, como a Lagoa Formosa de Altino Caixeta, uma cidade-símbolo. Falar dela é falar do meu eu mais profundo, e pretendo que seja falar de todas as cidades e pessoas do planeta. (LOPES, 2014, n. p.)

Para sobreviver na capital paulista, cidade que de certa forma considera como sua, apesar de todos os conflitos, Paulo abriu uma livraria improvisada dentro da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH), e foi nessa mesma faculdade que ele cursou filosofia.

Foi ainda muito jovem que despertou seu amor pela poesia e pelas “artes da palavra”, e, com o passar do tempo, Paulo foi se destacando como poeta, recitador em público e letrista de canções. Nessa área, o poeta fez diversas parcerias e possui mais de duas centenas de canções, o que já resultou em alguns álbuns: *Canções que ouvi na Lua*, produzido em Minas no ano de 1999, com o compositor Eduardo Barcelos; *Mano sinistra* (2014), da banda de mesmo nome; *Desaboio* (2014), feito com o compositor e musicólogo Saulo Alves; *Nossa Ciranda* (2016), de Victor Mendes; e *Alta velocidade parada* (2018), de Danilo Moura. Como letrista, Paulo Nunes já foi gravado e interpretado por diversos outros artistas, como: Zé Geraldo, Renato Braz, Kátia Teixeira, Matuto Moderno, Levi Ramiro e tantos outros.

Paulo possui uma extensa obra poética, grande parte ainda inédita. Acreditamos que um dos meios de conhecermos um ou uma poeta é através de sua obra e por isso, além dos álbuns mencionados anteriormente, deixamos como referência seus livros já publicados: *O corpo no escuro* (2014); *Ismália interpretada* (2022), e o infantojuvenil *Simão está sonhando* (2021), publicado em suporte digital.

O poeta tem uma atividade artística intensa, teve muitos poemas e crônicas publicados em antologias e em jornais e revistas do país e do exterior. Deu várias oficinas literárias na capital de São Paulo, no interior paulista, interior de Minas Gerais e de Goiás. Já fez dezenas de apresentações como recitador/leitor público, em muitos lugares; além disso, circulou recitando por vários estados do país pelo Dandô – Circuito de Música Décio Marques.

Apesar de seu extenso trabalho, o que nos chama a atenção para este artigo é o seu trabalho com o IJC. Paulo é o idealizador e fundador do Instituto Juca de Cultura.

A PUISIA INSPIROU A POESIA

Depois de apresentar esses dois grandes poetas mineiros responsáveis pela criação do IJC, vamos agora falar um pouco sobre a criação desse centro cultural alternativo. Para isso, trago aqui o depoimento do próprio sonhador e idealizador deste espaço, o poeta Paulo Nunes:

Hoje tenho a consciência que há décadas, desde a mocidade, em Patos de Minas, terra em que nasci e vivi até os 25 anos, tenho vocação para articular artistas e mesmo constituir, por necessidade e carência de um âmbito para divulgação e fruição da cultura, um espaço cultural coletivo. Com a experiência do IJC, consigo ver que, a partir dos 18 anos, circulei entre muitos artistas, sobretudo músicos e poetas da minha cidade, que se reuniam em alguns poucos bares em que eram bem-vindos e em que sempre estavam (isso foi de suma importância para mim e meus companheiros de arte na província) e em algumas casas. Estas práticas eram comuns e necessárias. Logo estes coletivos informais estavam também na minha casa e sobretudo em eventos em que, a partir de meados dos anos 80, tomei parte e ajudei a fazer. Já no final da década de 80 e começo de 90, fizemos, eu e meus amigos, todos ligados diretamente ao movimento cultural, um evento grande no barracão de um lava-jato que era do meu pai. Este evento chamou-se “Alternar-te”, foi muito lindo e concorrido e teve duas edições. Não continuou porque nesse ano mudei-me para a cidade de Uberlândia, nossa capital regional do Triângulo Mineiro, e vários outros amigos envolvidos também se mudaram de Patos. Mas isso já foi fruto de toda uma cultura e de uma época, numa pequena cidade que teve um forte movimento cultural a partir dos anos 60 e que inventava coletivamente, sem apoio público, e mesmo contestando a ordem estabelecida, seus teatros, seus centros culturais, seus cineclubes e seus eventos culturais públicos, sendo o maior de todos uma grande feira de cultura chamada Encontrão na Praça que ocorria na Semana Santa, a contrapelo dos eventos religiosos da data, e que teve várias edições nos anos 80. Além disso, percebo que todos nós que bebemos nessas águas interioranas somos frutos, culturalmente, das festas populares de matriz religiosa, no meu caso sobretudo dos reisados e das congadas. Muito da prática espontânea no IJC, como fazer e ofertar as refeições durante os eventos, bem como propor que tudo seja feito coletivamente (o que, no mundo tão individualista de hoje, nem sempre alcançamos), vêm, na verdade, destas festas, das quermesses, dos mutirões...

Essas práticas, para quem as vive desde sempre, passam a fazer parte de nosso corpo e de nossa alma e, como disse, tornam-se naturais e espontâneas em nosso cotidiano. Elas são de um tempo e de um lugar em que a arte e a cultura não são feitas e absorvidas apenas em dias especiais demarcados no calendário, mas sim no dia a dia, como ocorre com todos os povos originários, por exemplo, e como, de resto, devia ser para todos e para sempre: a arte a se mover com e a dar sentido a cada um de nossos gestos (que aqui fique explicitada essa nossa utopia). Assim, uma vez emigrado à cidade de São Paulo, em 2003, quando ingressei no curso

de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde fui morar no Crusp — a moradia estudantil da USP —, essas práticas de agremiação, sobretudo de gente da cultura, logo se destacaram, em longos cafés na residência estudantil (eu morava em frente ao bandeirão central, e o café de após as refeições era tomado, sempre com uma grande turma, em nosso pequeno apartamento coletivo), ou em cafés especiais, quando eu fazia pão de queijo para muita gente, e logo em seguida na banca de livros usados que montei, para custear nossa sobrevivência, com outro mineiro e poeta, o Sílvio Diogo, no prédio das faculdades de História e Geografia da FFLCH. Neste pequeno sebo, que durou dez anos, era grande a movimentação do povo da cultura que passava pelas humanidades da USP, de professores a alunos e gente do mundo todo, muitos sem vínculo formal com a universidade. A convivência com essa verdadeira multidão de estudiosos, intelectuais, militantes políticos, trabalhadores da e na universidade, artistas, gente de todos os lados e jeitos, foi uma grande escola. Em 2012, quando ainda era livreiro na USP, mudei-me para a atual casa em que vivo, nas proximidades da Vila Madalena, o que facilitou o maior fluxo de artistas, e começamos, esse mesmo pessoal que se encontrava na USP, informalmente a nos encontrar para cafés, almoços, jantares... e, enfim, saraus. E o Instituto Juca nasceu. Mas nada pensado e projetado. Nasceu ele da necessidade e da prática dos encontros. O sarau maior a partir de um momento tornou-se mensal e cada vez mais concorrido. Em certo momento organizamos mais a coisa, inventamos novos eventos para o espaço, criamos o nome deste e dos eventos, a professora de artes e artista Sílvia Martins fez a placa, que virou logomarca e, junto a outras pessoas, decorou e deu uma cara própria para o espaço, e muitas outras pessoas deram sua contribuição, e mais e mais artistas foram se achegando, e seguimos, agora além de poeta e livreiro, trabalhando também como gestor cultural. Aliás, para explicar a criação do IJC, levo sempre em consideração o fato de eu ser poeta, leitor público e, sobretudo, letrista musical, pois os artistas que primeiro aqui se encontravam eram sobretudo os meus parceiros ou amigos destes. E até hoje esses parceiros musicais (que cresceram muito em número) são membros efetivos dos nossos eventos. Outro fator importante para a construção — que segue ocorrendo — de um centro cultural comunitário que quero aqui relevar é o fato de eu encarar esse processo como minha prática política, o que, percebo, ocorre também a outros participantes do IJC. Há muito, por questões várias, direcionei a prática política militante propriamente dita, a qual sempre me foi uma exigência de vida, estritamente ao trabalho de promoção e divulgação culturais. Esta é há muito minha grande bandeira, e a declaro sempre, mas isso nem é necessário, pois todos que o vivem sabem que o IJC é uma intervenção política de esquerda. Que a cultura um dia seja livre, total e para todos!

Que haja um pequeno Instituto Juca de Cultura em cada quarteirão!³

Como mencionado anteriormente, o IJC nasceu informalmente do encontro de musicistas, cantoras, cantores, poetas, artistas plásticos, fotógrafos, uma mestra cozinheira e diversas outras artistas, bem como outras pessoas que, sem serem propriamente do meio artístico, buscam na arte a comunhão e a sobrevivência psíquica.

Com relação ao nome do espaço, Paulo diz o seguinte:

O nome, ao mesmo tempo que é uma brincadeira com nosso vizinho gigante, poderoso e fundamental, o IGC — Instituto Goethe de Cultura, sede de Pinheiros, faz uma homenagem ao grande poeta Juca da Angélica, representante “clássico” (por que não?) do mundo caipira que está nas nossas origens e é o fundamento do modo como pensamos, propomos e tocamos a cultura e queremos que seja a sociedade.

A arte ultrapassa as barreiras do espaço e do tempo, ela pode nascer da mente e do coração de uma só pessoa, mas logo se torna coletiva. A “pui-sia” mineira de Juca da Angélica, que representa um dos múltiplos universos artísticos existentes neste Brasil, foi incorporada pelo poeta Paulo Nunes que também criou sua poesia mais que “concreta”, o Instituto Juca de Cultura. O IJC é a poesia manifestada em uma forma tridimensional, ou mesmo multidimensional. Esta poesia é construída pelas ações de um coletivo sensível que cresce cada vez mais à medida que o tempo passa.

AS PRINCIPAIS ATIVIDADES DO IJC

Realizamos diversas atividades no nosso espaço, mas algumas delas ganham certo destaque. Cada atividade tem a sua peculiaridade. Apresentamos a seguir as três principais: apresentações (shows); Sarau-lins e Sarau-lões.

APRESENTAÇÕES

Realizamos apresentações musicais que duram aproximadamente 60 minutos, aos domingos, às 17h ou às 18h. Temos essa flexibilidade por conta do horário de verão e da pessoa convidada para realizar a apresentação. Não temos ainda uma periodicidade com relação a essas apresentações.

³ Depoimento de Paulo Nunes redigido especialmente para este artigo. Salvo indicação em contrário, todas as citações de Nunes são excertos desse texto.

Podemos afirmar que elas ocorrem em dois ou três finais de semana por mês. Também não há uma agenda pública informando as datas das apresentações do ano ou mesmo do semestre, fizemos isso somente de forma esporádica, como se deu com o projeto Violada – Circuito Autoral das Violas Brasileiras, realizado no nosso espaço.

Nossa organização com relação à agenda se dá de outra maneira e ela é bem flexível. É assim porque observamos as dificuldades de artistas que vêm de outro estado ou mesmo de outros países para se apresentar em São Paulo. Vimos que a burocracia exigida em outros espaços dificulta de muitas maneiras a possibilidade de essas pessoas se apresentarem. Sabemos que em vários lugares é exigida uma documentação com um projeto, fotos em alta qualidade, vídeos com conteúdo do show etc., para que uma artista ou um artista possa se apresentar. Entendemos que isso é necessário para diversas instituições, mas esta não é a realidade do IJC. Nossa proposta é justamente contrária a isso, e a curadoria se dá de outra maneira.

A curadoria dos shows fica a critério do Paulo Nunes, que diz o seguinte:

Tentamos convidar (mas na maioria das vezes somos nós os convidados) artistas que consideramos de qualidade, mas que não encontram espaço algum ou não encontram espaço suficiente de divulgação de seus trabalhos na cidade de São Paulo. Muitos vêm de fora, mesmo de outros países e, se circulam, é num ambiente mais restrito, com pouca inserção em espaços destinados à própria cultura que defendem, e sobretudo muito longe do dito *mainstream*. Muitas vezes hospedamos e alimentamos esses artistas que vêm de longe, e os aproveitamos quando vêm por outros motivos, isto é, com seus traslados já garantidos. Tentamos, também, dentro dessa qualidade da qual não abrimos mão, uma multiplicidade de gêneros musicais e gostos, levando sempre em consideração as restrições físicas do IJC e a carência de espaço desses artistas. Dentro de todas essas limitações, buscamos e/ou aceitamos propostas de artistas que contribuam de alguma forma para o enriquecimento da cena musical paulistana e da arte em geral, como uma cantora indígena dos Andes, um violeiro que vive num sertão distante, artistas de estados distantes de São Paulo, musicistas da periferia da Grande São Paulo e por aí em diante. A efervescência cultural é muito grande, sobretudo fora dos grandes espaços já estabelecidos e consagrados, e levaríamos muito tempo para descrevê-la suficientemente.

Não usamos nenhum tipo de equipamento de som e procuramos trabalhar com formações musicais pequenas por conta do nosso pouco espaço.

Contamos também com a parceria de fotógrafos que frequentam o nosso espaço e que contribuem muito para a divulgação e a formação do material audiovisual. São eles: Daniel Kersys, Ione Cadengue e Luíza Silva. Eu (Alisson Amador, também conhecido carinhosamente como Alien) faço algumas filmagens dos shows e as divulgo nas redes do IJC.

Seguem algumas fotografias:

Realizamos muitas atividades no IJC e trabalhamos também com outras atividades que não estão relacionadas ao espaço. Por causa do

Figura 8: Show de Victor Batista e João Galba (2019).



Foto: Luíza Silva.

Figura 9: Karen Santos no show Boizim de Manga (2018).



Foto: Ione Cadengue.

Figura 10: Público do show da Daniela Lasalvia (2018).



Foto: Daniel Kersys.

excesso de trabalho, não tínhamos interesse em coletar e organizar alguns dados, mas com o tempo percebemos a importância de fazer esse tipo de trabalho e começamos então a realizá-lo. Dito isso, podemos informar, por exemplo, que em 2019 realizamos quinze apresentações ao longo do ano, além dos Sarau-lões e outras atividades como ensaios, aulas e reuniões. O trabalho agora é seguir coletando números para eventuais estudos e análises sobre as atividades do IJC.

Com relação aos valores de entrada, cobramos atualmente (2023) uma contribuição de R\$ 25. Esse preço já foi menor nos anos anteriores, mas ele sofre mudanças de acordo com a situação econômica do país.

Nosso espaço comporta cerca de trinta pessoas, e o público das apresentações muitas vezes ultrapassa esse número. Quando isso acontece, algumas pessoas assistem da varanda ou mesmo sentadas na escada que leva ao segundo andar.

Antes de começarem as apresentações, servimos um café e depois das apresentações fazemos um intervalo e servimos uma comida. Sobre a comida, Paulo Nunes diz o seguinte:

Comida é a base de toda cultura e mesmo de toda a sociedade e existência humanas. Por isso, não deve nunca faltar em um espaço que tem por bandeira a contribuição de manter viva a cultura popular e, através dela, fortalecer os laços sociais, que numa megalópole como São Paulo são mais facilmente afrouxados. E aqui “comida” não é uma expressão

simbólica, é alimento mesmo, simples mas decente, e que tenta, pelos gestos carinhosos da sua preparação e da sua oferta, abastecer também o espírito de quem a aceita e recebe. Não há cultura popular sem um quê de religião, mas sobretudo sem panelas fumegantes com alimentos frescos e para todos. Além do quê, fazemos eventos longos, com muita oferta por parte dos artistas que vêm se apresentar (nos saraus) de graça. Na verdade, eles é que nos alimentam, e a dádiva circula de ambas as partes, como deve ser.

Depois de servirmos a comida, começamos o tão esperado Sarau-lim.

SARAU-LINS

Como vimos no começo deste artigo, o IJC possui raízes mineiras, e por isso batizamos os nossos “pequenos” saraus de **Sarau-lins** (saraulinhos). Pequenos entre aspas, porque estes saraus duram de três a quatro horas. Para muitas pessoas, essa duração pode parecer longa, mas quando os comparamos com os **Sarau-lões**, podemos entender o porquê de eles serem considerados pequenos.

Os Sarau-lins são saraus que acontecem aos domingos, logo após as apresentações, e é aí que reside a sua magia. Ele é formado pelo público que frequenta os shows aos domingos, em sua maioria formado por artistas e produtoras culturais.

Algumas pessoas que não conseguem assistir às apresentações chegam somente ao Sarau-lim. Muitas delas sabem que o grande intuito desse evento é fornecer um espaço de encontro para a troca de trabalhos, e por isso procuram comparecer mesmo chegando “atrasadas”.

O número de pessoas que forma um Sarau-lim varia de acordo com o dia. Como mencionamos anteriormente, após as apresentações, algumas pessoas chegam para o sarau, porém outras pessoas vão embora ao término dos shows, e por isso podemos afirmar que o número de pessoas que forma os Sarau-lins é bem parecido com o número de pessoas que forma o público das apresentações.

Uma característica interessante do Sarau-lim é que ele é muito intimista. É formado por um grupo pequeno de pessoas, criando assim uma proximidade muito grande entre quem se apresenta e quem prestigia a apresentação.

Um ponto que difere nossos saraus de outros saraus é que não temos uma lista com inscrição, nem mesmo palco. Geralmente, as pessoas cantam

duas ou três músicas e passam a vez para outra. Mas isso não é algo delimitado, existem inúmeras variações e, na verdade, tudo isso acontece de forma orgânica e descontraída por conta da atmosfera que foi criada no IJC.

Consuelo de Paula, cantora e compositora, enviou para nós o seguinte depoimento:

Uma das ações do IJC é o Sarau-lim. Sarau que acontece numa casa aberta, num sebo, numa sala em que muitos artistas, poetas e admiradores da arte musical e poética fazem a magia acontecer. Violões, violas, piano, violoncelos, caixas, maracás, ganzás, pandeiros, vibrafone, acordeons, vozes, livros, cafés, quitutes, bebidas, goiabada cascão e pratos incríveis formam o Sarau-lim. E ali, num instante, no meio da sala, num canto coletivo, a vida transcende. Vem gente de todos os lugares, de várias cidades, de diversos estilos cantar, recitar, dançar e tocar na sala que parece mesmo um coração de mãe. E é ali mesmo, com artistas da cena independente, que a arte segue sua sina de ser sol e lua ao mesmo tempo. O anfitrião, curador, dono da casa, cozinheiro e poeta Paulo Nunes, outro mineiro — como eu — que veio para São Paulo, faz de seu lugar um encontro de canções e poemas, faz da sala de sua casa, entre os livros do sebo literário, um céu de infinitos momentos poéticos: incontáveis estrelas num teto de horizontes largos, na amplidão dos sentimentos mais sublimes que fazem a nossa existência realmente valer a pena.

Para finalizar esta seção, deixamos alguns registros fotográficos:

SARAU-LÕES

Figura 11: Sarau-lim após a apresentação de Consuelo de Paula (2023).



Foto: Daniel Kersys.

Figura 12: Sarau-lim após a apresentação Victor Batista (2022).



Foto: Daniel Kersys.

Os Sarau-lões são, sem dúvida, os saraus mais impactantes do IJC. Eles acontecem sempre aos sábados e não há um número certo de quantos Sarau-lões fazemos anualmente. Em 2018 realizamos quatro Sarau-lões e em 2019 fizemos seis.

Essa atividade se resume a um grande encontro de artistas, produtoras e produtores culturais. O evento dura aproximadamente doze horas ou até mesmo mais. Nós abrimos o encontro com um almoço tardio que começa aproximadamente às 15h, e a partir deste horário as pessoas vão chegando, comendo e se apresentando.

O ápice de um Sarau-lão acontece entre 20h e 2h. A casa fica bem lotada, ao ponto de muita gente ficar apreciando o encontro da varanda. Por causa dessa lotação é que nunca divulgamos abertamente o evento, apenas convidamos as pessoas através da internet com mensagens privadas.

O convite é escrito pelo poeta da casa, Paulo Nunes, e possui suas particularidades:

Que rufem as caixinhas de fósforos! Pois venho convidar para mais um Sarau-Lão do IJC — Instituto Juca de Cultura, este que, há muito reconhecido como o maior centro cultural do quarteirão, já se orgulha de muito futuramente ter mais de 5 mil franquias espalhadas pelo país! Mais uma vez, agora neste sábado, dia 19 de outubro, a partir das 17:00 horas, estaremos juntos para cantar, tocar, poetar, amar, rir, comer, beber e, se não for na sala do Instituto, até mesmo conversar.

Este Sarau-Lão terá como homenageada a querida cantora e compositora ISLA LA, nossa mestra e amiga, que, acompanhada pelo Alisson Amador (Alien das Seis Cordas), por volta das 21:30 horas, nos brindará com uma pequena, mas substantiva mostra do seu sempre inovador trabalho musical. Eles prepararam algo muito especial para nós. Venham com silêncio, atenção e paraquedas reforçados!

Teremos, em sequência ao canto livre de Isla, as participações para lá de especiais da cuiabana ESTELA CEREGATTI, presença muito rara em Sampa; do duo mineiro-paulistano FERNANDA DE PAULA & ZÉ MODESTO; e do grande violeiro paulista ARNALDO DE FREITAS. Além, claro, antes e depois, da presença musical e poética de tantos artistas que sempre comparecem e prestigiam nossos saraus.

Neste Sarau-Lão também mostraremos ao público dois instrumentos que ganhamos recentemente: o Chiquinho, violão construído e doado para nós pelo querido luthier Agostinho Cardoso (Dominus Luthier), de Caxias do Sul; e um “tambor de luz” construído pela Luli, da dupla Luli

& Lucina, e que nos foi generosamente doado pela jornalista Klaudia Alvarez. Contaremos ainda, pela primeira vez, com o nosso piano, agora regulado e afinado.

Começaremos nossa des-compromissada tertúlia no final da tarde, às 17:00 horas, já com um (dizem que honesto) jantar pronto, com opções para os carnívoros e também para os desencarnados, preparado pela querida Maria Marisa Roberta Roberti e por este que ora inboxeia-os. E avançaremos noite e madrugada adentro, até quando o galo polemicamente cantar e algumas pessoas o considerarem afinado, outras desafinado, outras um cantor passadista que não compreendeu a bossa-nova, outras, ao contrário, um operista de vanguarda, e muitos tomarem nota para pesquisá-lo mais tarde no google.

Lembro-lhes que vs. devem trazer, além das bocas cantantes/ouvintes e sorridentes, as bebidas, sobretudo as espirituosas. E, quem puder contribuir com nossa casinha-caixinha com seu suado, portanto rico, sagrado, e agora do IJC, ou seja, de todos que o frequentam, dinheirinho.

Venham, pois, poetas e poetas, músicos e musicistas, cantores e cantoras, produtor@s culturais, gentes de circo, teatro, fotografia, dança, televisão e cinema, artistas plásticos, performáticos, mímicos-jornalistas, astronautas preocupados com o aluguel, pescadores de guaiamuns espirituais, criadores de bichos da seda e de bichos-preguiça, cultivadores de piercings invisíveis, vangoghes tatuadores, mozarts de divã, porteiros de cinemas fechados, bibliotecários incendiados, extrativistas de quase mel, contabilistas de onças do Pantanal, falsos escaladores da Mantiqueira, miniaturistas de montanhas da China, pirueteiros de praias isoladas, astrônomos sem eclipses, retardatários da São Silvestres, vencedores do Prêmio Jabuti, cafunezeiros de macacos-pregos, manicuristas de tamanduás, floristas de portão de cemitério, violeiros que arrendaram a roça, ex-vendedores de algodão-doce, ricos escavadores de minas gerais perdidas, esquerdistas com torcicolo, revolucionários de bilhete único, rimbauds da fapesp, fotógrafos de fantasmas vaidosos, fantasmas de academias de letras do interior, arquivistas de nuvens & pedras, revendedores de enciclopédias carunchadas, gerentes de video-locadoras, e quem mais tiver função imprescindível neste mundo que vai se desmoronando, venham, venham, o Sarau-Lão e um mundo novo vão começar.

PRESTENÇÃO:

O que: SARAU-LÃO DO IJC

Quando: dia 19 de outubro, sábado, a partir das 17:00 horas, quando já serviremos o jantar.

Onde: Instituto Juca de Cultura – Rua Cristiano Viana, 1142 – Sumarézinho, perto da estação Sumaré de Metrô

Quanto: contribuição voluntária e espontânea para custear o sarau

O que trazer: instrumentos e BEBIDA!!!

O que não trazer: ESTE CONVITE É INDIVIDUAL, venha apenas com sua companhia e, por favor, não o espalhe, pois infelizmente a casa é calorosamente pequena (algum dia, antes do Sarau-Lão em Marte, faremos um Sarau-Lão na praça, hem?).

Através da leitura desse convite vocês podem perceber o quanto ele é bem diferente quando comparado a outros convites. Fazemos uma única observação sobre seu tamanho, são 658 palavras, 3.275 caracteres escritos em duas páginas. O convite está cheio de humor, poesia e deixamos para que as leitoras e os leitores tirem suas impressões.

Os Sarau-lões são gratuitos, ou seja, não há nenhuma taxa para participar, assistir, nem para comer e beber. Pedimos apenas para as pessoas trazerem suas bebidas e passamos uma caixinha durante o evento para recebermos contribuições voluntárias (uma forma, na verdade, de fazer com que quem pode pague pelos que não podem, tentando sempre cobrir

Figura 13: placa do IJC, feita pela artista Silvia Martins.



Foto: arquivo do autor.

Figura 14: Paulo Nunes, segurando a placa feita pelas artistas Dulcineia Montico e Ângela Quinto.



Foto: Daniel Kersy.

Figura 15: boneco do Juca da Angélica tocando piano.



Foto: Luciana Moura.

pelo menos o valor gasto no preparo da comida). Segundo o idealizador do IJC, os eventos que foram o embrião do Sarau-lão aconteceram a partir de 2012. Ainda não tinha esse nome, mas já naquele ano, no mesmo local, houve o encontro de amigas e amigos musicistas para comer, cantar e tocar. O nome “Sarau-lão” foi dado pelo professor, dramaturgo e diretor

teatral Luiz Humberto, e em 2016 houve a formalização dessa ideia, época em que também criamos o nome do IJC e colocamos a placa e o boneco simbólico do Juca presidindo os saraus.

No segundo semestre de 2017 começamos a homenagear um ou uma artista e passamos a escalar três outras pessoas para participar como artistas convidadas especiais. Estas se apresentam em horário mais nobre e concorrido e têm um pouco mais de tempo para sua mostra individual, além de serem mencionadas no convite como atrações.

Apresentamos o trecho de um depoimento que nos foi enviado por José Alberto Pinheiro de Paiva, logo depois de darmos uma palestra no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo, que resume um pouco do que é o IJC e o Sarau-lão:

Se desaprendemos a construir cidades, nos habilitamos junto ao Instituto construindo nossa pequena aldeia. E nesta aldeia nesta casa, o brinde é feito na partilha dos alimentos vários que nutrem o saber viver. E nos espaços pequenos é que podemos exercitar todas as gentilezas possíveis, o falar baixo, o andar pequenino, a licença concedida. Suores e respirações, silêncios e escutas que nos concedem a possibilidade de se estar com o outro, de ir e se chegar até o outro. E se o sonho nos movimenta, a precariedade nos concede essa possibilidade de sermos humanamente seres do encontro.

Para finalizar esta seção, apresentamos algumas fotos:

Muitos vídeos dos Sarau-lões podem ser encontrados nas nossas redes

Figura 16: Sarau-lão de agosto de 2019.



Foto: Daniel Kersys.

Figura 17: Sarau-lão de fevereiro de 2019.



Foto: Daniel Kersys.

Figura 18: Sarau-lão de fevereiro de 2019 (neste dia acabou a energia elétrica).



Foto: Daniel Kersys.

sociais; sonhamos mesmo em ter os muitos registros mais organizados e estamos aos poucos trabalhando nisso dentro do nosso canal do YouTube.

OUTRAS ATIVIDADES

Além das apresentações, dos Sarau-lins e dos Sarau-lões, realizamos também outras atividades no IJC. Focamos nestas três por conta do espaço que temos neste trabalho, e enfatizamos a dificuldade de colocar no papel todas as coisas que fazemos no IJC, pois é muita poesia para poucas folhas.

Mesmo assim, podemos destacar que abrimos a nossa sala para a realização de aulas de música, ensaios, reuniões de produção, comemorações e oficinas. Fizemos uma Festa de Reis em 2019 que contou com a Companhia Peregrinos dos Santos Reis, criada e capitaneada no IJC pelo mestre folião Fabiano Baviera, que é de Batatais (SP). Foi também gravado no Instituto Juca um documentário sobre o mestre João Bá, em 2018, com direção de Mário de Almeida e a participação de grandes artistas do nosso país. Fizemos ainda o “Re-veião do Juca” para comemorar a entrada do ano de 2019 com muita música e poesia. Organizamos, citando também como exemplo, uma oficina com o maestro Itapuã, um dos criadores do pagode de viola e uma figura fundamental da música caipira. E muitos outros eventos destes gêneros.

Além disso, fizemos parcerias com outros projetos culturais e realizamos apresentações e saraus com o Dandô – Circuito de Música Dércio Marques; sediamos diversas apresentações do Violada – Circuito Autoral das Violas Brasileiras; organizamos doze atividades culturais na Casa Mário de Andrade, entre saraus, palestras e apresentações, e realizamos, em 2020, um Sarau-lão de férias no *Sítio Rosa dos Ventos*, em Pocinhos do Rio Verde (MG).

Durante a pandemia não fizemos nenhuma atividade presencial, mas nos reinventamos fazendo arte, e ajudamos financeiramente 22 artistas e suas famílias que estavam em situação mais vulnerável. Para isso criamos um cadastro socioeconômico dos frequentadores do espaço. Fizemos o Primeiro Vídeo Sarau-Lão do IJC⁴ e a Rifa Solidária, eventos estes ligados ao Fundo Solidário do IJC, que criamos em parceria com a produtora Valéria Freixêdas, para arrecadar doações e distribuí-las às famílias que estavam mais necessitadas na pandemia e que possuem conexão com o nosso espaço.

CONSIDERAÇÕES

Depois de apresentar um pouco da história e das principais atividades do IJC, podemos agora mostrar algumas ideias, ações e reflexões que consideramos importantes para a manutenção do nosso espaço.

4 Disponível em: <https://youtu.be/m7O79IbxBe8>.

Começamos falando da comida. Ela pode nos trazer inúmeras reflexões sobre o gerenciamento de espaços culturais ligados à cultura popular. Muitas pessoas que frequentam o IJC já nos contaram sobre o choque que levaram ao ver como valorizamos a comida no nosso espaço, e esse choque não é por acaso, pois pensamos e trabalhamos muito esta questão.

Vivemos em uma cidade onde a comida, principalmente à noite, é muito cara, e ainda assim corremos o risco de não ficarmos satisfeitos depois de comer. Observamos também, muitas vezes, a insensibilidade de algumas pessoas das classes média e alta de não perceberem a possibilidade de um visitante estar com fome e por isso não oferecer nenhum tipo de comida — diferente das casas de periferias e interioranas onde a primeira coisa que nos oferecem ao entrar é água e algo para comer.

Somando esses fatores com reflexões sobre a teoria da dádiva (MAUSS, 2008) e a vivência do próprio Paulo Nunes, o IJC criou ou recriou uma maneira de trabalhar com a comida. Oferecemos comida nas apresentações aos domingos, inclusive no pequeno valor da entrada. Nos Sarau-lões, a contribuição para a comida é voluntária, a pessoa come o quanto quiser e deposita qualquer valor na nossa caixinha, sem nenhum tipo de fiscalização ou pressão da nossa parte, pois evitamos ao máximo o constrangimento: se a pessoa não tiver dinheiro, se ela depositou ou não, não é a questão que está em jogo. Nessas duas ocasiões, oferecemos comidas que deixam as pessoas realmente satisfeitas, assim elas se sentem à vontade. Além disso, sempre fazemos uma opção para pessoas vegetarianas e veganas. Já vivenciamos o quanto é chato ter que deixar algum sarau ou outra atividade artística por causa da fome, ao mesmo tempo em que sabemos o quanto é prazeroso ficar em algum lugar que oferece comida boa e barata (às vezes gratuita) e o quanto isso deixa a gente à vontade. Por isso valorizamos tanto a comida.

Outro ponto importante para refletir é o da divulgação dos nossos eventos. Ela acontece exclusivamente por meio da internet. Na verdade, aqui se encontra uma das grandes diferenças e até loucuras do IJC, ou, mais precisamente, loucuras do poeta Paulo Nunes. Paulo sabe da importância de uma mensagem pessoal e por isso envia os convites de forma individual. Isso parece loucura justamente porque, nos tempos atuais, as formas de divulgação que observamos no dia a dia, cada vez mais corrido, não são dessa maneira. Isso não quer dizer que não fazemos também nossa divulgação de forma “tradicional”, com cartazes e vídeos convidando as pessoas para os nossos eventos mais abertos. Eu, Alisson Amador, faço a grande maioria dos cartazes de tais eventos, de forma simples e “amadora”, literalmente. Seguem alguns exemplos:

Figura 19: cartaz para a apresentação de Anderson Chizzolini.



Foto: arquivo do autor.

Figura 20: cartaz para a apresentação de Socorro Lira.



Foto: arquivo do autor.

Esses são exemplos de cartazes das apresentações de domingo. Como mencionado neste trabalho, não divulgamos abertamente os nossos Saraus porque a casa não comporta a multidão que viria, e por isso não temos cartazes destes eventos. Para estes saraus, Paulo escreve um convite, como já exemplificamos, e o envia para as pessoas em mensagens privadas, com quem segue a dialogar.

O convite, com seu tamanho e suas características, não é algo que encontramos comumente na internet. Ele também é criado para causar um choque nas pessoas que estão vivendo numa sociedade onde tudo tem que ser pequeno, direto, objetivo e resumido.

Seguindo nossas reflexões, vamos falar sobre a duração dos nossos eventos. Uma apresentação seguida de um Sarau-lim pode durar até mais de 5h, e o nosso Sarau-lão dura em média 12h. Isso sem dúvida causa outro choque nas pessoas. Insistimos em falar em choque porque esta é uma maneira de despertar as pessoas que estão dormindo, é uma maneira de acordá-las para refletir sobre a sociedade em que elas vivem. Acreditamos que existem outras maneiras de pensar e vivenciar o tempo, e o IJC nos permite algumas dessas outras maneiras.

Trabalhamos também na formação de público, investindo na qualidade deste, buscando formar um grupo de pessoas realmente interessadas nas artistas e nos artistas que se apresentam no nosso espaço. Artistas que se apresentam no IJC sentem essa diferença de público, percebem que ele é formado por pessoas que se deslocaram de suas casas para ouvir com atenção o seu trabalho, e isso traz mais satisfação para elas. Além disso, o público vivencia um contato diferente com a artista ou o artista que se apresenta, pois logo depois quase todas as pessoas se sentam para comer e beber juntas, conversar e apreciarem-se umas às outras no Sarau-lim. Às vezes temos uma visão muito romantizada dos desejos de artistas com relação ao público. Pensamos que eles ou elas querem somente grandes públicos, mas na verdade diversos artistas mostraram-se satisfeitos com a experiência de ter um público menor e mais intimista e próximo. O IJC proporciona, assim, novidades na relação entre público e artistas.

Há uma grande diversidade no perfil de artistas que frequentam o nosso espaço, e mesmo assim estamos sempre tentando expandi-la. Uma de nossas prioridades é trazer mestras e mestres muitas vezes esquecidos e fomentar o contato deles com jovens, público e artistas que frequentam o nosso espaço. Acreditamos que esse tipo de contato se desdobra em parcerias, projetos, reflexões, aprendizados e no desenvolvimento humano de cada pessoa envolvida, seja participando como artista ou como ouvinte.

Nossa flexibilidade de agenda e nossa ausência de burocracia também contribuem de forma positiva para a manutenção do espaço. Não temos uma agenda com todas as datas dos nossos eventos. Isso seria impossível, porque trabalhamos com outras coisas e ainda fazemos parte do mundo artístico, que raramente tem uma previsão exata dos trabalhos. Às vezes surge um trabalho para o mês que vem, para esta semana ou mesmo para hoje. Isso poderia ser visto como algo ruim, mas trazemos aqui seus pontos positivos, ainda mais quando somados à nossa ausência de burocracia para a realização dos eventos. O grande ponto positivo se dá com as pessoas que estão de passagem por São Paulo e querem fazer apresentações sem muita burocracia, sem precisar mandar fotos e vídeos, currículo, projeto artístico etc. Algumas dessas pessoas, provindas de segmentos das culturas populares mais tradicionais, nem possuem familiaridade com as tecnologias atuais, e esse tipo de burocracia pode ser um impedimento para a realização de seus shows. Ou seja, nossa flexibilidade e ausência de burocracia favorece a participação de artistas com esse perfil.

Paulo Nunes conta:

Aqui damos como exemplo; e podemos citar outros exemplos, como o dos artistas mais próximos à contracultura e que rechaçam os valores que gerem a atual sociedade, ou o dos artistas que estão em trânsito dentro do país ou entre países, e não se programaram para se apresentar em espaços mais tradicionais e que, claro, não podem recebê-los de última hora, e outros tantos casos. Podemos citar um importante evento ocorrido no IJC, também a título de exemplo, em que um congresso internacional de grandes críticos de poesia da lusofonia, que acontecia na USP, acabou num sarau de confraternização em nossa pequena sala, tudo proposto e organizado em um dia. Devido à nossa abertura, acasos lindos assim costumam ocorrer por aqui.

Pensamos sempre na expansão do IJC. Temos um problema que é a falta de espaço físico, mas nem por isso desanimamos e deixamos de fazer nossas atividades. Ainda lutamos por um espaço físico maior, ao mesmo tempo em que também buscamos a expansão do nosso espaço virtual, através do uso inteligente das mídias sociais e de parcerias com outras instituições e espaços culturais. O Instituto Juca é um coletivo de coletivos. Citamos a seguir alguns projetos e espaços dos quais somos parceiros: Dandô – Circuito de Música Décio Marques; Violada – Circuito Autoral das Violas Brasileiras; grupo teatral Cirquinho do Revirado

(SC); Casa Mora Mundo; Sará-o-quê?; Teatro Porta 84, *Sítio Rosa dos Ventos* (Pocinhos do Rio Verde-MG), Casarão (Campinas), Espaço 91, entre outros.

O IJC, na verdade, não está preso ao seu endereço atual e por isso ele também pode ser considerado um projeto itinerante. Foi através deste pensamento que conseguimos realizar atividades em locais como: *Sítio Rosa dos Ventos*, em Minas; Casa Mário de Andrade; Unibes Cultural; “Sesc; Eventos e Hospedagem Sagrada Família e “Instituto de Estudos Brasileiros (IEB–USP). Também tecemos há algum tempo um projeto de circulação de artistas ligados ao espaço. Este ainda não foi logrado, mas, com novas parcerias, tem tudo para acontecer a partir do segundo semestre de 2023.

O IJC surgiu do sonho de um poeta, e ele vai ganhando mais força à medida que vai se tornando um sonho coletivo. O projeto se sustenta porque há uma equipe informal de pessoas amigas ligadas à cultura e que muito nos doam da sua força de trabalho e conhecimento. Recebemos doações de livros e os vendemos na livraria; já recebemos doações de instrumentos musicais e de diversas coisas, como fogão, micro-ondas, utensílios de cozinha, computador, cadeiras, taças, objetos de decoração, e sobretudo doação de mão de obra e mesmo sustentação econômica parcial nos momentos em que a crise se acirrou. Além de algum apoio institucional que vamos conquistando, através de convites de entidades particulares, ou editais públicos e apoio financeiro de entidade particular, que reconheceram a importância do nosso trabalho, o que ocorreu no ano mais duro da pandemia de Covid-19.

Não queremos romantizar a sustentação do nosso espaço, passamos por inúmeras dificuldades financeiras e, nos momentos mais críticos, como apontamos, recorremos à rede informal de apoio solidário de pessoas simpatizantes do IJC, que foi criada ao longo destes anos. Assim, já recorremos a vaquinhas virtuais para prosseguir com nossas atividades.

Gostaríamos de deixar claro que nossa intenção não é a construir nossa vida financeira através do IJC. Dizemos isso porque algumas pessoas já nos procuraram para falar e fazer propostas com relação a esse assunto. Elas veem no IJC apenas uma possibilidade financeira e empresarial e acabam pesando mais a questão do dinheiro do que a da própria arte. Nós sabemos dos nossos limites e da necessidade de termos dinheiro para a manutenção e ampliação do espaço e estamos aprendendo cada

vez mais com o passar dos anos e com a ajuda das pessoas envolvidas. Tomamos muito cuidado para que o IJC continue sendo um lugar relativamente acessível para as pessoas, voltado a apontar e minimizar falhas no sistema cultural do qual fazemos parte, pois, mesmo como artistas, somos vítimas, e por isso não deixamos que ele vire um centro cultural meramente focado na obtenção de lucro para sustentar nossas vidas. O próprio Paulo Nunes explica:

Enfim, o velho dilema entre o amadorismo, no bom sentido de se fazer com amor e tesão, e o profissionalismo, que, a nosso ver, se feito dentro dos padrões vigentes que viemos criticar, seria incongruente e botaria tudo a perder. Vemos uma saída a este dilema em políticas culturais mais inclusivas e inteligentes, voltadas aos valores que defendemos — e desde sempre lutamos por estas políticas. Por exemplo, que retornem com toda a força os Pontos de Cultura, pois somos um deles e re-queremos, via reconhecimento, nossa inclusão em um programa de apoio institucional a estes Pontos, e que isso se dê de uma forma menos burocratizada.

Como reflexão final, concluímos dizendo que não é a questão financeira em si que mantém um espaço cultural aberto. Observamos ao longo da vida, sobretudo nos últimos anos, que foram de intensa crise financeira e política, diversos espaços culturais fecharem após apenas um ano ou pouco mais de funcionamento, espaços esses que estavam bem “engajados” e conduzidos na questão financeira. Acreditamos, sim, que o pensamento, as ideologias, as necessidades vitais do espírito e as ações coletivas é que sustentam de fato um espaço cultural. O dinheiro pode mantê-lo aberto, mas ele pode estar no fundo sem vida e/ou ser de duração efêmera por falta de real interesse do público e muitas vezes dos próprios “donos” ou gestores de tal espaço.

É comum recebermos depoimentos de pessoas — tanto artistas quanto não artistas — contando que se sentem em casa e que ficam muito à vontade nos nossos eventos. Essa atmosfera foi criada e cultivada ao longo dos anos e, sem dúvida, tem relação direta com a maneira como Paulo Nunes se relaciona com as pessoas que frequentam sua casa. Segue o depoimento de Ângela Barbosa, frequentadora do nosso espaço:

Chegar até essa casinha mágica foi me permitir novamente sonhar e acreditar que a utopia é possível e acessível, mesmo vivendo em tempos tão bichudos. Me fez reconectar e afirmar a crença que a aldeia é possível,

mesmo nessa cidade cada vez mais desumana, devorada por tratores e guindastes comedores de casinhas e sonhos, onde a memória e a história de seus habitantes parecem debaixo do concreto. Como não se apaixonar por essa casinha, regida por uma única regra, a gentileza; e onde o denominador comum é a alegria dos encontros humanos com toda a sua potência. Onde há o verdadeiro resgate do sentido mais amplo e genuíno da arte, de promover e concretizar um ideal de beleza e harmonia com a matéria mais fina e cara que é a expressão da subjetividade humana, nesse olimpo dionisíaco da celebração da vida. Onde nos damos conta que nossa cultura, o maior tesouro de um povo, ali está resguardada e protegida. Viva! Que alívio!!! Nesse mundo cada vez mais neoliberal, a certeza que há resistência, e das boas. Ainda há no que se acreditar!

Luciana Moura, cantora e frequentadora do IJC, também nos enviou um depoimento:

O que é o IJC? Formalmente é a sigla do Instituto Juca de Cultura, mas ousar dizer que mais que um substantivo é um Inventivo Jeito de Conceber Cultura. Adjetivo de um lugar muito maior que sua limitação física e financeira, que se estrutura nas ações simples, mas tão ricas e humanizadas que fogem aos padrões pré estabelecidos, trazendo de volta algo mais profundo que foi se perdendo no caminho, que nos religa uns aos outros e ao mesmo tempo nos torna únicos, especiais, pessoas e não números. Todas estas ávidas pelo encantamento, aprendizado, acolhimento, reflexões e transformações que a arte é capaz de propiciar.

Lembrando que o IJC é uma mistura de casa particular com um espaço cultural, e há muitos pontos positivos nisso. O acolhimento que o IJC oferece e que as pessoas sentem, sem dúvida, é algo a ser enfatizado. A história pessoal de Paulo, seu projeto de vida, suas atitudes no mundo, seu afeto, sua utopia e sua poesia estão completamente entrelaçadas com o IJC, que agora já é um projeto coletivo, sonhado e vivido por muitas pessoas.

Nosso espaço tem um pé — ou os dois — nas festas populares e na vida comunitária. Muitas pessoas têm a chave da casa, que é uma casa viva, na contramão de seu bairro e do modo pequeno-burguês de se ocupar a própria casa. Trata-se também de uma casa caipira, onde a música acontece o tempo todo.

Temos consciência da função social que os espaços culturais exercem, e por isso o IJC pode ser considerado uma intervenção política de esquerda.

Ele é um espaço de resistência da vida dos artistas que o frequentam, da arte e da vida comunitária em geral.

Nosso centro cultural, enfim, não deve ser tomado como uma coisa em si apenas, mas como uma tentativa de criar um exemplo e, assim, gerar uma corrente que o faça ir mais longe do que suas grandes limitações físicas e financeiras permitem. Finalizamos esta seção com as palavras de Paulo Nunes:

Acima da questão da arte, o IJC, construído poeticamente, opera utopicamente (palavra cansada), quixotescamente, numa tentativa de restauração, resgate, sobrevivência, consciente, dos laços humanos comunitários dentro de todas as dificuldades que isso implica nos dias de hoje. Sem ter a pretensão de se constituir formalmente nos parâmetros de uma instituição cultural convencional — e lutando mesmo contra isso —, o Instituto Juca, brincando e fazendo brincar, vem alcançando sua meta, que sequer foi estabelecida em reuniões, mas que sem dúvida aflora do desejo dos seus membros participantes (cada vez em número maior): em tempos difíceis sobretudo aos artistas, que veem a cada dia seus espaços minguarem, não deixar a palavra perder a poesia, a música perder a arte, o humano perder-se na falta de reconhecimento.

SONHOS FUTUROS

Temos muitas ideias e sonhos para o nosso querido IJC. Sonhamos ter um pequeno estúdio onde possamos gravar artistas que frequentam o nosso espaço, sonhamos e lutamos para conseguir uma casa maior para acolher mais pessoas e projetos, sonhamos ter mais ajuda financeira de pessoas e instituições que valorizam a cultura brasileira. E temos muitos outros sonhos.

Para finalizar este artigo, deixamos aqui um texto escrito pela pessoa que sonhou o Instituto Juca de Cultura, o poeta Paulo Nunes:

UMA CASINHA

Também tive um sonho.

Era uma casa pequena, que eu achava bonita, pois era toda enfeitada

de chita e de breves lembranças que pessoas queridas ali deixavam, e nela eu morava.

Não era pequena para uma, duas ou mesmo três ou quatro pessoas morarem, para isso era ampla, confortável, com boa circulação de luz e de ar. (Nem era uma casa nova, mas nunca fui de admirar casas e cidades muito novas.) Porém era pequena para a multidão de músicos, musicistas, cantoras, cantores e produtores culturais que por ali passavam.

Uma casa que nunca se fechava, não sei explicar bem como (ora, era um sonho), ou em que os ali chegados tinham suas chaves.

E vinham às dezenas, às centenas, num turbilhão, de todos os cantos da cidade enorme e do país continental e diverso em que esta cidade se situava, mesmo de muitas partes do planeta de que este país fazia parte.

A maioria dominava com grande mestria as suas artes, e muitos outros artistas os acompanhavam, gente das palavras, do teatro, da dança, das artes plásticas, do cinema, da fotografia (numa modalidade nova, que registra sonhos), do pensamento, da religião ou apenas da vida, que sempre pede casa e acolhimento.

Gente de todas as cores, vestes, corpos, gêneros, falas, classes sociais, que tinha em comum desejos e planos bons para a cidade e para o mundo, resgatando a dimensão (quase) perdida do encontro, inventando um ambiente de gentileza e irmandade em que arte, conhecimento, às vezes sabedoria, mas sempre vinho e os mais urgentes e sinceros afetos fluíam naturalmente, num contínuo momento de surpresa e emoção.

E assim juntos, como num terreiro, como nos velhos tempos numa pequena praça de uma cidadezinha do interior, como numa comunidade rural, como numa tribo, atravessávamos fogueiras, coretos, salões, saraus, apresentações, ensaios, reuniões, festas, folguedos, brincadeiras, almoços, jantares, cafés, vigílias, alguns inevitáveis momentos de tristeza e derrota, cultos, rituais e, sempre, visitas-surpresa, outras combinadas.

Aquela minha estranha e especial morada parecia ter também a função de ser uma escola — nela voltávamos todos a ser crianças, e esta, sim, é uma redação escolar —, pois os sons que ali nunca cessavam, os gestos, poemas e conversas daquelas centenas de pessoas tão diferentes entre si, tão ricas de experiências e exemplos, iam cotidianamente educando-nos.

Além disso, também por onírico capricho, a tal casa, pequena e infinita, possuía uma biblioteca inacreditável: eram milhares de livros excelentes (sim, como cabiam ali?!), boa parte raros, contendo sobretudo a Poesia e a Sabedoria de todas as épocas e lugares, somados a um

sem-número de discos da melhor música. E no meio de tudo isso e de tanta gente, uma gata, bela, muito mansa, não percebia que estava em um sonho e existia.

Outro capricho da imaginação: certamente por serem essenciais, apareciam naquela morada, num encanto, artistas da cozinha, vindos de todos os quadrantes, preenchendo ainda mais o espaço e os sentidos com panelas enormes e inesgotáveis de uma comida simples, porém honesta, que todos elogiavam (naquele sonho maluco, imaginem, a comida era de graça...)

Então, naquela casinha, vivendo uma vida que se queria mais plena e verdadeira, eu não me sentia só — nós não nos sentíamos sós, e tecíamos bravamente planos (sonhos!) para um mundo melhor. O fato era que não fazíamos muito, mas sofriamos a agradável sensação do bom exemplo.

Mudar o mundo, mesmo nas redações escolares, nunca foi fácil, e de repente a realidade, com seu amontoado de contas vencidas e problemas, me acordou. Mas desde então tenho vivido com a estranha certeza de ser um milionário.

REFERÊNCIAS

- AMÂNCIO, André. “Morreu aos 98 anos, em Lagoa Formosa, o poeta Juca da Angélica”. *Patos agora*, Patos de Minas, 26 set. 2016, n.p. Disponível em: <https://patosagora.net/noticia/morreu-aos-98-anos-em-lagoa-formosa-o-poeta-juca-da-angelica>. Acesso em: 5 fev. 2023.
- ANGÉLICA, Juca da. *Meu canto é saudade*. Catalogação e fixação do texto, Paulo Nunes. Patos de Minas: Grafipress, 2001. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1Np8eH00j6PqfJRgxRNF8V07S4m6n0ucG/view?usp=share_link. Acesso em: 26 fev. 2023.
- JUCA da Angélica: meu canto é saudade. Vídeo (10 min). Direção e roteiro: Cássio Pereira e Juliana Madureira. Patos de Minas: s.n., 2001. Disponível em: https://youtu.be/GLU2VdOo_nA. Acesso em: 8 fev. 2023.
- LOPES, Carlos Herculano. “Escritor mineiro radicado em São Paulo lança seu primeiro livro de poemas, ‘O corpo no escuro’”. *Uai*, Belo Horizonte, 22 mar. 2014, n.p. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2014/03/22/noticias-pensar,152820/escritor-mineiro-radicado-em-sao-paulo-lanca-seu-primeiro-livro-de-poe.shtml>. Acesso em: 7 fev. 2023.
- MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2008.

- “MEU CANTO é saudade: A poesia de Seu Juca da Angélica”. Vídeo (13 min.). Roteiro, imagens e edição: Diógenes S. Miranda. s. l., s. n., 2015. Disponível em: <https://vimeo.com/124855351>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- “NOSSO SOM no parque: Trio José”, parte 1/3. Vídeo (12 min.). Produção: Débora Ribeiro. Jacareí: TV Câmara Jacareí, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/9xMYcy9r9II>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- NUNES, Paulo Cesar. *O corpo no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. *Simão está sonhando*. São Paulo: Ed. do Autor, 2021.
- _____. *Ismália interpretada*. Uberlândia: Sabiá, 2022.
- PAULA, Andréa Cristina de. *Vivência e lembrança na voz poética de Juca da Angélica*. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24308>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- ROCHA, Maurício. “Depois de décadas de anonimato, o poeta Juca da Angélica terá livro e filme”. *Patos hoje*, Patos de Minas, 31 jul. 2014, n. p. Disponível em: <https://patoshoje.com.br/noticias/depois-de-decadas-de-anonimato-o-poeta-juca-da-angelica-tera-livro-e-filme-40486.html>. Acesso em: 5 fev. 2023.
- “SOM e prosa: Trio José”. Vídeo (29 mim.) Direção: Renan Bolaño. Roteiro: Renê Lopes. Bauru: TV Unesp, 2015. Disponível em: https://youtu.be/r0IFtLUP_yE. Acesso em: 6 fev. 2023.